

A EXPERIÊNCIA DE VIDA EM COMUNIDADE

Maria Tereza Pereira Militão da Silva

Mestre em Psicologia Clínica com especialização em Logoterapia e Terapia Cognitiva.

E-mail: mtereza1954@uol.com.br

Resumo: Este artigo é fruto de uma reflexão que visa compreender qual é a essência do fenômeno psíquico da experiência de se viver em Comunidade. A partir da observação e da análise de depoimentos escritos de experiências vividas em Comunidade, verifica-se que a essência dessa experiência consiste numa transformação existencial, que abrange os níveis intrapsíquicos, intersubjetivos, a relação com o mundo e a experiência da transcendência. A experiência de viver em Comunidade ressignifica a totalidade da vida da pessoa, tornando-se deste modo, um fator de equilíbrio psíquico.

Palavras-chave: Vida em Comunidade. Subjetividade. Intersubjetividade. Transcendência. Logoterapia.

Abstract: This paper is the result of a reflection that seeks to understand the essence of the psychic phenomenon of the experience of living in community. From the observation and analysis of written statements of experiences in the Community, it is verified that the essence of this experience is an existential transformation, covering the intra-psychic levels, inter-subjective, the relationship with the world and the experience of transcendence. The experience of living in community reframes the totality of the person's life, becoming thus a psychic balancing factor.

Keywords: Community Life. Subjectivity. Intersubjectivity. Transcendence. Logotherapy.

Resumen: Este trabajo es el resultado de una reflexión que busca comprender cuál es la esencia del fenómeno psíquico de la experiencia de vivir en comunidad. A partir de la observación y el análisis de declaraciones escritas de experiencias vividas en Comunidad, se verifica que la esencia de esta experiencia

consiste en una transformación existencial, que abarca los niveles intra-psíquicos, intersubjetivos, la relación con el mundo y la experiencia de transcendencia. La experiencia de vivir en comunidad replantea la totalidad de la vida de la persona, convirtiéndose así en un factor de equilibrio psíquico.

Palabras clave: Vida Comunitaria. Subjetividad. Intersubjetividad. Transcendencia. Logoterapia.

Sommario: Questo articolo è il frutto di una riflessione che cerca di capire ciò che è l'essenza del fenomeno psichico l'esperienza di vivere in comunità. Dalla osservazione e dall'analisi delle dichiarazioni scritte di esperienze in Comunità, si scopre che l'essenza di questa esperienza è una trasformazione esistenziale, che copre i livelli intra-psichici, intersoggettivi, il rapporto con il mondo e l'esperienza della transcendenza. L'esperienza di vivere in comunità ristruttura tutta la vita di uno, diventando così un fattore di equilibrio psichico.

Parole chiave: Vita in Comunità. Soggettività. Intersoggettività. Transcendenza. Logoterapia.

Résumé: Cet article est le résultat d'une réflexion qui cherche à comprendre ce qui est l'essence du phénomène psychique de l'expérience de la vie en communauté. De l'observation et l'analyse des déclarations écrites d'expériences dans la Communauté, il apparaît que l'essence de cette expérience est une transformation existentielle, couvrant les niveaux intra-psychique, inter-subjective, la relation avec le monde et l'expérience de la transcendence. L'expérience de la vie en communauté recadre l'ensemble de la vie de l'un, devenant ainsi un facteur d'équilibre psychique.

Mots-clés: Vie en communauté. Subjectivité. Intersubjectivité. Transcendance. Logothérapie.

1. INTRODUÇÃO

A experiência de viver em Comunidade¹ implica numa possibilidade de serem desenvolvidos múltiplos aspectos pessoais, sociais e de sensibilidade humana por parte de quem participa dessa experiência. A existência da pessoa passa a encontrar um sentido que se torna fonte geradora e orientadora do próprio existir enquanto tal.

Aqui se considera que o homem é uma unidade, em que subjetividade, intersubjetividade e mundo² constituem uma totalidade. Essa totalidade possui um sentido e está sempre aberta à descoberta de novas dimensões e possibilidades do existir.

Na vida da Comunidade cristã, experimenta-se o que é ser homem. Vive-se uma experiência humana profunda que emerge ao se ter um espaço-tempo (um lugar para se encontrar durante o tempo da vida) que permite o amadurecimento pessoal.

A reflexão aqui proposta pretende ser um ato de *reconhecimento*. Tal palavra é utilizada no sentido dado por Dichtchekenian³:

Na verdade, se num primeiro momento falamos de vivência como um estar mergulhados e, num segundo momento, ao separarmo-nos, falamos em conhecimento, há uma passagem que foi esquecida: entre o plano do conhecimento e da vivência há um outro plano que é o de reconhecimento, que diz respeito à retirada do eu do seu próprio ato para se reconhecer nele como agente.

¹ As experiências observadas foram colhidas de pessoas que participam de Comunidades Cristãs Católicas.

² Segundo May, "O mundo é a estrutura de relações significativas em que existe uma pessoa e de cuja configuração participa." (tradução nossa). MAY, Rollo. *Existencia*. p. 85.

³ DICHCHKENIAN, M. F. A fenomenologia da existência. In: *Temas fundamentais da fenomenologia*. p. 95 (grifos meus).

2. QUAL É A ESTRUTURA ESSENCIAL DO FENÔMENO PSÍQUICO DA EXPERIÊNCIA DE VIVER EM COMUNIDADE?

Esta é a pergunta que o estudo em questão deseja responder. Para isso, é necessário conceituar a essência, a estrutura, o significado de fenômeno e em que sentido se fala aqui de comunidade.

2.1 CONCEITO FENOMENOLÓGICO DE FENÔMENO

O conceito fenomenológico de *fenômeno* é referido por Boss⁴ nos seguintes termos: “tudo o que é perceptível é chamado de fenômeno: uma palavra que deriva do grego *Phainesthai*, e que significa nada mais do que aquilo que se mostra”.

A essência de um fenômeno diz respeito ao significado ou sentido dessa experiência, é “aquilo que de mais íntimo impera constantemente na coisa, que já está presente, e que faz dela uma coisa de tal ou qual significado”.⁵

A pergunta pelo significado remete à busca da relação desse fenômeno com a totalidade da realidade. Nesse sentido, é válida a expressão de Coreth⁶:

O mundo está essencialmente aberto para um horizonte mais vasto: para a realidade global ou – na expressão metafísica – para a totalidade do ‘ser’ (...) o homem em todo perguntar e investigar, em todo conhecer e compreender, em toda tendência e ação, se relaciona com aquilo que ‘é’ (...).

Perguntar pela estrutura essencial de um fenômeno consiste em perguntar pela relação com o ser. A esse respeito, Buber⁷ afirma que a essência do ser se comunica no fenômeno. Tem-se, então, que perguntar pelo ser é perguntar pela concretude da experiência humana que se manifesta na existência.

⁴ BOSS, M. *Angustia, culpa e libertação*. p. 21.

⁵ Ibid., p. 75.

⁶ CORETH, E. *Questões fundamentais da hermenêutica*. p. 170.

⁷ Cf. BUBER, Martin. *Eu e tu*. p. 77.

2.2 CONCEITO DE COMUNIDADE

Antes, faz-se necessário diferenciar *comunidade* de *coletividade*. Eis algumas diferenças explicitadas por Buber⁸:

a coletividade não é uma ligação, é um enfeixamento: atados, um indivíduo junto ao outro, armados em comum, equipados em comum, (...). A comunidade é o estar não-mais-um-ao-lado-do-outro, mas estar um-com-o-outro, (...). A coletividade fundamenta-se numa atrofia organizada da existência pessoal; a comunidade no aumento e na confirmação desta existência, no interior de uma reciprocidade.

Este estar um-com-o-outro na existência, numa relação de reciprocidade introduz o conceito de Comunidade. Eis o que diz Buber⁹:

a verdadeira comunidade não nasce do fato de que as pessoas têm sentimentos umas para as outras (...), ela nasce de duas coisas: de estarem todos em relação viva e mútua com o centro vivo e de estarem unidos uns aos outros em relação viva e recíproca.

A relação viva e recíproca entre as pessoas, que pode ser chamada de comunhão, nasce da relação viva e mútua (comunhão) com o centro vivo. Este é a experiência da transcendência, a qual é descrita nos depoimentos dados pelas pessoas que vivem uma experiência em Comunidade.

3. A ESTRUTURA ESSENCIAL OU NATUREZA DO FENÔMENO PSÍQUICO DA EXPERIÊNCIA DE VIDA EM COMUNIDADE CONSISTE NUMA TRANSFORMAÇÃO EXISTENCIAL

Este é o pressuposto básico sobre a pergunta colocada anteriormente. Ao observar a concretude das experiências vividas pelas pessoas em suas comunidades, pode-se dizer que a natureza do fenômeno psíquico dessa

⁸ BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico*. pp. 66-67 (grifos meus).

⁹ BUBER, M. *Eu e tu*. p. 80.

experiência consiste numa *transformação* existencial.

O significado atribuído aqui à palavra *transformação* é explicitado por Botturi¹⁰ nos seguintes termos:

A origem da mudança não é o resultado de uma análise dos elementos da experiência humana, esta pressupõe um 'esquema' de compreensão da realidade que não abrange toda a pessoa. A origem da mudança está no encontro do próprio ser, que possui uma dinâmica própria diante da vida. É um movimento para dentro de descoberta e de percepção e de expressão de si mesmo.

Essa transformação, o encontro consigo mesmo, gera um movimento de descoberta e de expressão de novos significados sobre a própria realidade intrapsíquica, os relacionamentos, o mundo circundante e a transcendência.

4. A VIDA EM COMUNIDADE TRANSFORMA A REALIDADE INTRAPSÍQUICA, OS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS, A RELAÇÃO COM O MUNDO E COM O TRANSCENDENTE

Quanto à realidade *intrapsíquica*, verifica-se uma vivência dos seguintes processos: uma experiência de *pertencer* a algo maior que a própria pessoa – isso conduz a uma *nova imagem de si mesmo*. O homem percebe-se como uma *unidade*, que possui um *centro de referência* a partir do qual assume *valores e julga a realidade*. A pessoa vive uma experiência de *verdade*, no sentido de uma *descoberta de si-mesmo*, descoberta de uma *identidade*, de um “eu”. A pessoa torna-se *aberta, livre e responsável*.

A realidade *intersubjetiva*, por sua vez, implica numa *nova concepção do outro*. O outro é uma pessoa com o qual se está unido radicalmente pela busca comum de um sentido para a vida. E é aquele através do qual o homem conhece-se a si mesmo. O encontro com o outro pode gerar, inicialmente, tensões, mas também gera uma relação de amizade e solidariedade e, mais

¹⁰ BOTTURI, F. *Sentido religioso e cultura*. p. 7.

tarde, uma relação de fraternidade. Quanto à realidade do *mundo*, este é visto como *dotado de significado*: os acontecimentos do dia a dia, a família, o trabalho, o estudo, o tempo, o espaço, tudo se relaciona com o centro vivo, que é a Comunidade. Na relação com o *mundo*, exerce-se a liberdade, a responsabilidade e o amor.

Um aspecto fundamental dessas Comunidades é a dimensão religiosa, a experiência da Transcendência. Esta é concebida como um encontro existencial com uma presença que dá significado para a vida.

Buber¹¹ descreve a natureza, a dinâmica e a consequência desse encontro:

O homem recebe e o que ele recebe não é um 'conteúdo', mas uma presença que é uma força. Esta presença e esta força encerram três fatos, que, embora indivisos, podemos encará-los separadamente. Em primeiro lugar, toda a plenitude de uma reciprocidade, do fato de ser acolhido, de estar vinculado; (...) o segundo ponto é a inefável confirmação de um sentido. Este sentido é garantido. Nada, nada mais pode ser sem sentido (...), o terceiro ponto; não se trata do sentido de uma 'outra vida', mas de nossa vida, não de um 'além', mas deste nosso mundo.

A seguir, são feitas algumas considerações teóricas a respeito de cada uma das realidades mencionadas acima: a intrapsíquica, a interpessoal, a relação com o mundo e com a transcendência. Esse aporte teórico pode ajudar a explicitar as experiências vividas pelas pessoas em suas Comunidades.

4.1 A VIDA EM COMUNIDADE TRANSFORMA A REALIDADE INTRAPSÍQUICA OU SUBJETIVIDADE

O termo *subjetividade* será abordado aqui no sentido de evidenciar alguns elementos da estrutura e da dinâmica do ser homem.

¹¹ BUBER, M. *Eu e tu*. p. 124.

4.1.1 UMA CONCEPÇÃO DE HOMEM

Inicialmente, deseja-se explicitar a concepção de homem feita por Frankl¹². Ele define o homem como uma *multiplicidade na unidade*, e diz que, “a despeito da unidade e totalidade da essência do homem, há uma multiplicidade de dimensões em que ele se estende interiormente, devendo a psicoterapia segui-lo no interior de todas elas”. As dimensões a que Frankl se refere são a *somática*, a *anímica* e a *espiritual*. Essa tese é explicitada por esse autor da seguinte maneira: “o físico é dado pela hereditariedade; o psíquico é dirigido pela educação; o espiritual, contudo, não pode ser educado, tem de ser realizado. O espiritual ‘é’ só na autorrealização, na ‘realidade da realização’ da existência”¹³.

Para Frankl, o homem é uma unidade bio-psico-socio-espiritual. A dimensão espiritual é assim explicitada por Giussani¹⁴, o homem é um “conjunto de exigências e evidências originais. Este conjunto constitui o *questionamento* que o homem é. A pessoa é profundamente *sede* de verdade, de felicidade, de liberdade, ou seja, sede de realização total, e, portanto, sede de adesão àquilo que seja capaz de completá-la e ‘realizá-la’” (tradução nossa). Esse mesmo autor¹⁵ menciona que “o supremo fenômeno da natureza é a *identidade do eu*. Não existe nada mais evidente a mim e a você que quando você diz eu, você diz uma coisa que é irredutível. É você.”.

4.1.2 ELEMENTOS ESSENCIAIS DO SER HOMEM

O primeiro elemento estrutural do ser do homem a ser abordado é a questão do *sentido*. O homem, para viver, necessita de um significado para a vida. A ausência deste pode levar ao conformismo, ao totalitarismo ou à neurose noôgênica. Eis como Frankl¹⁶ se manifesta a esse respeito:

¹² FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e sentido da vida*. p. k3.

¹³ Id. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. p. 131.

¹⁴ GIUSSANI, L. *Il senso religioso*. p. 16 (grifos meus).

¹⁵ Id. *A intuição originária*. pp. 28-29.

¹⁶ FRANKL, V. E. *A Psicoterapia na prática*. p. 19.

E esse sentimento de falta de sentido é em geral acompanhado por um sentimento de vazio, por um vácuo existencial (...). Se nos perguntarmos o que pode ter causado e produzido o vácuo existencial, apresenta-se a seguinte explicação: ao contrário dos animais, o homem não conta com instintos ou pulsões para lhe dizerem o que tem de fazer. E, ao contrário do que acontecia em épocas anteriores, hoje, ele já não conta com as tradições para lhe dizerem o que deve fazer. Sem saber nem o que tem de fazer, nem o que deve fazer, ele também já não sabe ao certo o que ele realmente quer. Qual a consequência? Ou ele só quer aquilo que os outros fazem, e isso é conformismo. Ou então, ao contrário, ele só faz o que os outros querem dele. E aí nós temos o totalitarismo. Além disso, ainda há uma outra consequência do vácuo existencial, um neuroticismo específico, a “neurose noogênica”, que pode ser etiologicamente reduzida ao sentimento de falta de sentido, à dúvida sobre um sentido da vida ou ao desespero de que talvez nem exista um tal sentido.

Também a respeito do sentido, Buber¹⁷ explicita que “O que esperamos nós quando desesperados e, mesmo assim, procuramos alguém? Esperamos certamente uma presença, por meio da qual nos é dito que ele, o sentido, ainda existe.”.

Outro aspecto que permite constatar a necessidade de sentido do homem é o seu caráter de *historicidade*, ou seja, o homem é um ser situado num tempo e num espaço concreto. A consciência dessa determinação implica na percepção de um significado. A esse respeito, Frankl¹⁸ afirma que o sistema de relações (tempo-espaço) “está determinado, em cada caso, por um sentido, se não inconfessado, talvez em geral inexprimível (...). Desaparecendo, porém, a categoria de sentido, desaparece também o que se pode chamar ‘histórico’: um estado-formigueiro não tem ‘história’ alguma”.

¹⁷ BUBER, M. *Do diálogo ao dialógico*. p. 47.

¹⁸ FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. p. 57.

As categorias de tempo e espaço são dois elementos fundamentais da experiência humana, cuja análise permite a compreensão do mundo interior do sujeito.

A respeito do tempo, Ellenberger¹⁹ afirma: "O que chamamos sentimento do 'sentido da vida' não pode compreender-se independentemente do sentimento subjetivo do tempo experimentado. As deformações na sensação do tempo repercutem necessariamente nas deformações do sentido da vida" (tradução nossa).

Quanto à categoria de espaço, este pode ser abordado de várias maneiras, como explica Ellenberger²⁰.

Um se esforça para explorá-lo ou conquistá-lo, o outro para conservá-lo e defendê-lo, aquele para organizá-lo e utilizá-lo, este para delineá-lo e medi-lo. Uns tendem à expansão e exigem um amplo espaço vital. Outros tendem a estreitar-se e se contentam com reduzidos espaços vitais. Uns colocam raízes num lugar, outros se dedicam a conhecer mundos. Também se pode fugir de um lugar e empreender o voo, tanto em sentido real como metaforicamente.

A experiência de um sentido face às circunstâncias ou estruturas que condicionam o homem só é possível porque o homem é livre. A liberdade do homem não é uma liberdade de certas determinações – biológicas, psicológicas ou sociológicas –, mas é, sim, uma "liberdade para uma tomada de posição perante todas as condições".²¹

Nesse sentido, Frankl²² afirma que o homem é "o ser que sempre decide. E o que decide ele? O que há de ser no instante seguinte". Isto é

¹⁹ ELLENBERGER, H. F. Introducción clínica a la fenomenología psiquiátrica y al análisis existencial. In: *Existência*. pp. 139-40.

²⁰ ELLENBERGER, H. F. p. 142. Também, a respeito do espaço, Merleau-Ponty afirma o seguinte: "o que garante o homem são das manias e alucinações é a estrutura de seu espaço: os objetos permanecem diante dele, conservam suas distâncias (...)" MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da Percepção*. pp. 390-391.

²¹ FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. p. 4 (grifos meus).

²² Ibid., p. 335.

ratificado por Buber²³, quando diz que “Em nosso caminho tudo é decisão: voluntária, pressentida, secreta; esta decisão, no âmago de nosso ser, e a mais originariamente secreta é a que nos determina mais poderosamente”.

Esse constante decidir pode ser compreendido como sendo a *responsabilidade* do homem diante da vida. Isto é expresso por Frankl²⁴ nos seguintes termos: “é a própria vida que faz perguntas ao homem. O que o homem tem que fazer não é interrogar, mas ser interrogado pela vida e à vida responder: o homem tem que responder à vida tornando-se ‘responsável’”.

Diante dessa afirmação, pergunta-se: o homem tem que responder a quê, concretamente?

É Buber²⁵ que responde a essa questão: “*responder ao que nos acontece, que nos é dado ver, ouvir, sentir*. Cada hora concreta, com o seu conteúdo do mundo e do destino, designado a cada pessoa (...)”.

O homem responde a um quê e, segundo Frankl²⁶, tal resposta deve estar acompanhada de um sentido e de um ‘perante quem’.

No contexto da logoterapia, logos significa espírito e, para além do espírito, sentido. Assim, na medida em que o ser-homem se pode definir como ser-responsável, decerto que o homem é responsável pela plena consecução de um sentido. Mas, na psicoterapia, a pergunta que tem de se fazer não se refere ao ‘por que’; refere-se antes ao ‘perante quem’? do nosso ser responsável. Logo, se vê que tem de ficar a cargo do paciente a decisão de como interpretar o seu ser-responsável: como ser-responsável perante a sociedade, perante a humanidade, perante a consciência ou, sobretudo, não perante uma coisa, mas perante alguém, perante a divindade.

²³ BUBER, M. *Eu e tu*. pp. 108-109.

²⁴ FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. p. 96.

²⁵ BUBER, M. *Do diálogo ao dialógico*. p. 49.

²⁶ FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. p. 218.

A postura descrita acima implica em uma abertura e em uma atenção à realidade, as quais se preocupam em captar a sua 'voz' e responder-lhe. O homem, nesse responder às perguntas da vida, é guiado por um 'instinto' ou 'órgão-sentido', que é como Frankl²⁷ denomina a *consciência*. Isto é, a "capacidade intuitiva para seguir o rasto do sentido irrepetível e único que se esconde em cada situação".

Outro aspecto essencial da experiência humana é a percepção de que *a vida de cada homem é única e irrepetível*. Tal aspecto imprime à vida um *caráter de missão* e implica, também, na descoberta de um sentido, de um nexo entre a experiência pessoal e o assumir de situações concretas.

Essa questão é explicitada por Frankl²⁸ assim:

Toda pessoa humana representa algo de único e cada uma das situações de sua vida algo que não se repete. Cada missão concreta de um homem depende relativamente deste 'caráter de algo único' desta 'irrepetibilidade'. É por isso que um homem só pode ter, em cada momento, uma missão única; e é assim precisamente que esta peculiaridade do que é único dá a tal missão o caráter de absoluto. Pode-se dizer, portanto, que o mundo dos valores se contempla em perspectiva, correspondendo, porém, a cada situação uma única perspectiva, que é precisamente a exata. Há, por conseguinte, uma exatidão absoluta, não apesar, mas justamente por causa da relatividade da perspectiva.

A partir dessas dimensões essenciais do homem, pode-se afirmar que este tem necessidade de um sentido para a sua vida, ele é livre e responsável. Nessa responsabilidade, é guiado pela sua consciência, que o faz mergulhar na realidade e aí perceber-se como um ser único e irrepetível, o qual tem uma missão própria a desempenhar diante das situações concretas da vida.

²⁷ FRANKL, V. E. *op. cit.*, p. 76.

²⁸ *Ibid.*, p. 75.

Os aspectos mencionados anteriormente remetem a um fato antropológico fundamental, que é a dimensão da *autotranscendência*, explicitada do seguinte modo por Frankl²⁹:

a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou alguém – isto é, a um objetivo por ser alcançado ou a uma existência de uma outra pessoa que ele encontre. Na verdade, o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa ou no amor a outra pessoa.

A autorrealização é um efeito da autotranscendência: do sair de si mesmo em direção a outra pessoa, ou a uma tarefa, ou em direção a Deus.

O homem, no processo de sair de si mesmo, faz a experiência do limite. Este paradoxo é uma de suas características essenciais. Isso é explicitado por Giussani³⁰.

Toda experiência humana realmente séria traz sempre a marca da impotência. E é essa sensação de impotência que gera a solidão. A verdadeira solidão não provém do fato de ser estar fisicamente só, mas sim da descoberta de que algum problema fundamental nosso não pode encontrar resposta, nem em nós, nem nos outros.

Esse mesmo autor³¹ aponta a postura adequada diante da constatação do drama do limite: “a única atitude adequada diante do limite é a pobreza de espírito (...). O pobre de espírito não possui nada. Essa é a originalidade do homem: *a espera do infinito*”.

Diante do limite, o homem experimenta o sofrimento; constata que não está nele a resposta ou solução para o seu drama existencial; resta-lhe, então, o diálogo com o Infinito e esperar que Ele se manifeste.

²⁹ FRANKL, V. E. *A Psicoterapia na prática*. p. 18.

³⁰ GIUSSANI, L. *Caminhos da experiência cristã*. pp. 16-17.

³¹ Id. O homem é desejo do infinito. In: *Aprofundar a experiência humana*. p. 11.

4.1.2 CRITÉRIOS PARA O CONHECIMENTO DE SI

Uma contribuição a respeito da possibilidade de compreensão da subjetividade é dada por Wojtyła³², ao afirmar que “O caminho para chegar a tal tomada de consciência é, para o homem de hoje como para o de todos os tempos, a reflexão sobre a própria experiência”. Para isso, ele aponta duas condições fundamentais: “A primeira é, antes de tudo, estar apaixonado por aquele conjunto de evidências e exigências que caracterizam o seu eu. Em segundo lugar, deverá abrir-se para um encontro objetivo com toda a realidade”. Isto implica, segundo esse mesmo autor, que o homem “deverá evitar todo parcialismo e evitar a redução da experiência a meras questões sociológicas ou elementos exclusivamente psicológicos, ou confundir a experiência com esquemas e preconceitos que o ambiente onde normalmente vive e atua lhe impõe”.

O homem, para conhecer-se, é convidado a olhar para si e para toda a realidade. Giussani³³ diz que o instrumento de penetração e compreensão da realidade como totalidade é a razão. Esta é concebida como um instrumento através do qual se capta o nexo que liga uma coisa à outra. Porém, ao mesmo tempo em que o homem deseja e busca a totalidade, através da sua racionalidade, ele experimenta a incapacidade de alcançá-la (tradução nossa).

Para ser coerente à sua natureza e compreender, portanto, a existência, a razão é obrigada a admitir a existência de um 'incompreensível': a mesma exigência de explicação exhaustiva que constitui a razão leva o homem a intuir a resposta àqueles porquês como existentes além da própria experiência, algo constitucionalmente além da possibilidade de compreensão, incomensurável como a mente humana. Nasce assim o conceito de Mistério (tradução nossa).

³² WOJTYŁA, K. O homem tem necessidade de Deus. *L'Osservatore Romano*. p. 20. 16/08/1983.

³³ GIUSSANI, L. *Il senso religioso*, passim.

Buber³⁴ também aponta um critério que indica em que medida está havendo um encontro consigo mesmo:

a autêntica subjetividade só pode ser compreendida de um modo dinâmico como a vibração de um Eu no seio de uma verdade solitária. É aqui também onde irrompe e cresce o desejo de uma relação cada vez mais elevada e absoluta, o desejo de uma participação total com o Ser. Na subjetividade amadurece a substância espiritual da pessoa.

Um critério fundamental para o conhecimento de si mesmo é referido por Butiglione³⁵.

O encontro do homem com o homem é a chave que nos permite perceber do que é feito o homem, isto é, de que nós somos. O rosto do outro é o espelho através do qual um homem chega a dar-se conta de quem ele é. É como dizer que a grande riqueza ontológica que é própria da pessoa humana é algo que se torna acessível a nós; podemos penetrar nessa riqueza somente através de um outro, somente quando um outro descreve essa riqueza para nós.

O homem, para conhecer-se, é convidado a olhar para si, para o outro e para toda a realidade, reconhecendo em si, no outro e na realidade a presença do Mistério.

4.2 A VIDA EM COMUNIDADE TRANSFORMA A REALIDADE INTERSUBJETIVA OU INTERPESSOAL

A intersubjetividade é assim explicitada por Valentini³⁶:

A intersubjetividade, a comunidade, apresenta-se como o 'fundamento' no qual os eus concretos se geram e desenvolvem. (...) O sujeito concreto encontra

³⁴ BUBER, M. *Eu e tu*. p. 93 (grifos meus).

³⁵ BUTIGLIONE, R. *As raízes filosóficas da guerra*. p. 2.

³⁶ VALENTINI, Luigi. *Um discurso popular: uma leitura fenomenológica*. pp. 139-140.

sua raiz e fundamento no rico fluxo das relações em que ele se encontra com outros sujeitos que, como ele, por essência, tendem à vida intersubjetiva.

Por sua vez, a respeito da intersubjetividade, Butiglione³⁷ diz que

O homem é um ser originariamente dependente. A presença do outro não é o que limita a minha liberdade, não é o que se opõe a minha liberdade, mas é a condição fundamental da minha própria existência, do meu começar a existir como homem, porque estruturalmente o homem começa realmente a existir em relação com outro homem.

As relações do homem com o homem e também do homem com a realidade comportam, segundo Buber, duas atitudes fundamentais. Uma é a atitude de Encontro, a relação Eu-Tu, e a outra é uma atitude Objetivante, a relação Eu-Isso.

A relação Eu-Tu é explicitada por esse autor³⁸ nos seguintes termos:

A relação com o TU é imediata. Entre o EU e TU não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia (...). Entre o EU e o TU não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação. (...) Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos acontece o encontro.

Por sua vez, a relação EU-ISSO significa que “O Eu de Eu-Isso usa a palavra para conhecer o mundo, para impor-se diante dele, ordená-lo, estruturá-lo, vencê-lo, transformá-lo. Este mundo nada mais é que objeto de uso e experiência.”³⁹.

A intersubjetividade é uma condição estrutural da existência do homem, a atitude original do homem nessa relação que permite a descoberta do

³⁷ BUTIGLIONE, R. *As raízes filosóficas da guerra*. p. 2.

³⁸ BUBER, M. *Eu e Tu*. p. 59.

³⁹ Ibid. p. 35 (Introdução de Newton Aquiles Von Zuben).

ser; é perceber o outro como um Tu. Nessa postura, dá-se um encontro e, conseqüentemente, uma transformação. A esse respeito são esclarecedoras as palavras de May⁴⁰: “A essência de uma relação é que ambas as pessoas mudam ao encontrar-se” (tradução nossa).

A relação marcada pela postura do Encontro (onde todos os meios são abolidos), cuja consequência é a mudança ou ‘realização’ do ser da pessoa, é uma relação de amor. Frankl⁴¹ trata dessa questão nos seguintes termos:

No amor, o amado é essencialmente captado como um ser irrepitível no seu ser-aí (Dasein), e ‘único’ no seu ser-assim (So-sein), que é o que ele é; concebido como Tu e, enquanto tal, acolhido num outro Eu. (...) O homem que é amado ‘não tem culpa’ de que, sendo amado, já se realiza o que há de irrepitível e de único na sua pessoa, isto é, o valor de sua personalidade. Não é ‘mérito’ o amor, antes é graça.

Também a esse respeito, Butiglione diz: “O homem tem uma interioridade capaz de acolher outro homem e, portanto, o homem tem uma estrutura originária de comunhão, isto é, o homem é pessoa”.⁴²

A relação de amor implica em comportamentos e atitudes concretos em relação ao outro, de modo a fazer com que ele *seja* e com que ele encontre o sentido da própria vida. A esse respeito, Luypen⁴³ afirma:

O homem que ama seu semelhante se preocupa como o seu corpo, se ocupa de suas necessidades materiais. Constrói hospitais, abre estradas, represa mares e rios (...) tudo para tornar possível que o outro alcance sua autorrealização no mundo (...). No mundo dá significado e direção a sua existência, avança em direção ao seu destino. Mas o que é este destino? (...) este destino pode chamar-se ‘felicidade’ (...). Através do meu afeto, quero sua subjetividade, mas esta

⁴⁰ MAY, R. *Existência*. p. 86.

⁴¹ FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. p. 173.

⁴² BUTIGLIONE, R. *As raízes filosóficas da guerra*. p. 2.

⁴³ LUYPEN, W. *Fenomenologia existencial*. pp. 211-212 (grifos meus).

subjetividade é uma busca de seu caminho no mundo em direção a seu destino. Portanto, meu afeto abrirá certos caminhos e também lhe fechará outros: aqueles que não o aproximem do seu destino (tradução nossa).

4.3. A vida em Comunidade transforma a relação com o mundo

Acredita-se que a Comunidade possui um valor em si mesmo enquanto um fator de transformação do significado das relações humanas. A comunidade, sendo ela mesma, e não um meio para um fim, torna-se um fator fundamental de transformação social, como refere Buber⁴⁴:

o espírito comunitário não reina aí onde se luta em comum, mas não em comunidade, para arrancar, a um mundo que resiste, a almejada transformação das instituições; ele reina onde a luta que é travada tem lugar numa comunidade que pugna por sua própria realidade comunitária.

A respeito da relação entre instituição e pessoa, este mesmo autor⁴⁵ diz, “Quando Isaías clama por Justiça, ele não está pensando nas instituições, mas em você e em mim, porque sem você e sem mim a mais potente instituição torna-se uma mentira”.

A experiência de viver em Comunidade implica numa alteração do significado da relação do homem com o mundo nos seus diversos aspectos. A esse respeito, são esclarecedoras as palavras de May⁴⁶:

A pessoa e seu mundo formam um todo unitário e estrutural, isso é o que se quer expressar precisamente com a articulação das palavras ser-no-mundo (...) o eu implica o mundo e o mundo implica o eu; nenhum é independente do outro, e nenhum pode entender-se senão em relação com o outro (tradução nossa).

⁴⁴ BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico*, p. 66.

⁴⁵ Id. *Pointing the way*. p. 189.

⁴⁶ MAY, R. *Existência*. p. 84.

A expressão *ser-no-mundo* é usada originalmente por Heidegger⁴⁷, com o sentido de exprimir um dado estrutural da condição humana, do *ser-aí* (*Dasein*). Esse autor diz que “Ser como infinitivo de ‘eu sou’, isto é, compreendido de modo existencial, significa ‘habitar em...’, ‘ser familiarizado com...’; ‘ser em’ é, então, a expressão formal do ser do *ser-aí*, que tem a estrutura essencial de ‘*ser-no-mundo*’ (tradução nossa).

Na relação com o mundo, no seu *ser-em*, o homem pode tanto experimentar uma situação de crise, como experimentar uma harmonia com a realidade. Buber aponta um critério ou postura fundamental para recuperar um relacionamento significativo com o mundo. Esse autor propõe um modo de olhar a realidade a partir do qual é possível ressignificar a experiência do cotidiano, a qual, muitas vezes, é vivenciada como *sem-sentido*. Ele diz⁴⁸:

O que me interessa é o turvo, o reprimido, a rotina, a fadiga, o tedioso absurdo – e a ruptura que liberta do estado de adversidade impossível, de contrariedade absurda, onde vive o homem que eu destaco ao acaso do tumulto, onde ele vive e com o qual ele pode romper a às vezes rompe. Para onde? Para nada de sublime, de heroico, de sagrado, para nenhum dilema, apenas para este rigor e pequena graça cotidianos, em que chego a me relacionar com esta mesma ‘realidade’ cujo dever e serviço me prendem de tal maneira, que a experiência, olhar por olhar, sinal por sinal, palavra por palavra, como ela oferecendo-se a mim e eu oferecendo-me a ela, sendo uma palavra dirigida a mim, e eu, uma palavra dirigida a ela; e agora, em todo o retinir da rotina que eu chamava de minha realidade, aparece, modesta e esplêndida, a realidade atuante, a realidade da criatura, que me é confiada e pela qual respondo. Nós não encontramos sentido nas coisas, também não o colocamos dentro das coisas, mas entre nós e as coisas ele pode acontecer.

⁴⁷ HEIDEGGER, M. *El ser y El tiempo*. p. 67.

⁴⁸ BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico*. pp. 71-72 (grifos meus).

Essa condição estrutural do homem de ser-no-mundo, que implica numa postura de diálogo e de abertura, abrange, também, uma responsabilidade em relação à 'coisa pública'. Tal responsabilidade implica em uma nova concepção e uma nova relação com o poder. Isso é assim explicitado por Buber⁴⁹: "Mas, quando se leva a sério o estabelecimento do poder, (...) este se transforma em uma incumbência precisa e o poder revela-se como o grande dever de responsabilidade".

4.4. A VIDA EM COMUNIDADE E A RELAÇÃO COM O TRANSCENDENTE

O transcendente é concebido como uma presença que se manifesta através da concretude da vida que nos interroga a cada momento. A esse respeito, Buber⁵⁰ diz:

A palavra nos é dirigida nos signos da vida que nos acontece. Mas quem fala? De nada nos serviria colocarmos aqui o vocábulo 'Deus' como resposta, se não o fizessemos do interior daquela hora decisiva da existência pessoal, em que fomos obrigados a esquecer tudo que acreditávamos saber de Deus, em que não nos foi permitido conservar nada de transmitido, nada de aprendido, nada por nós imaginado, nenhum fiapo de saber, hora em que fomos mergulhados na noite.

O homem que viveu essa experiência estabelece livremente um diálogo significativo consigo mesmo e com toda a realidade. Esse diálogo consigo mesmo é assim compreendido por Frankl⁵¹:

considerado psicologicamente, o homem religioso é aquele que, ao atender ao falado, experimenta a vivência de alguém que lhe fala (...): no colóquio com a sua consciência – essa conversa mais íntima que se dá a sós consigo mesmo – o seu Deus é o interlocutor que o acompanha.

⁴⁹ BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico*. p. 128.

⁵⁰ Ibid. p. 47-48 (grifos meus).

⁵¹ FRANKL, V. E: *Psicoterapia e sentido da vida*. p. 97.

Por sua vez, o diálogo com as circunstâncias da realidade possui também a mesma significação, como explicita Buber⁵²:

O indivíduo está a cada momento face à concretude do mundo, que a ele quer se entregar e dele quer receber uma resposta; sob o peso da situação, ele encontra novas situações. E, contudo, a despeito da multiplicidade e complexidade, ele permaneceu Adão: mesmo agora é tomada dentro dele a decisão real se ele enfrenta a voz de Deus que se lhe torna audível nas coisas e nos eventos ou ele se esquia.

Essa decisão de responder à voz de Deus que fala através da concretude dos acontecimentos da vida e da história se dá num diálogo íntimo que capta o nexos que une todas as coisas: a sua pessoa, a sua Comunidade, a situação do seu povo e do mundo e sua relação com Deus. A percepção desse nexos dá consistência à ação e ao viver do homem. Eis o que diz Buber⁵³:

todo aquele que reconheceu o que significa o destino, mesmo quando este se assemelhar a um exílio, e que reconheceu o que significa estar colocado em algum lugar, mesmo quando parece estar deslocado, este homem sabe que deve admiti-lo e levá-lo a sério. Mas, então, precisamente então, percebe ele que pertencer verdadeiramente a uma comunidade encerra a experiência do limite deste pertencer, experiência esta que é multiplamente mutável e nunca pode ser definitivamente formulada. Se o Indivíduo percebe fielmente a palavra na hora histórica-biográfica, se ele capta a situação do seu povo, a sua própria situação, como um signo e uma exigência que lhe são feitos, se ele não poupa a si mesmo e nem a sua comunidade diante de Deus, então ele experimenta o limite. (...) O homem que vive de uma forma responsável pode realizar suas ações políticas somente a partir daquela profundidade da sua existência na qual quer penetrar a reivindicação do Deus temível e benévolo, do Senhor da história e nosso Senhor.

⁵² BUBER, M. *Do diálogo ao dialógico*. p. 74-75.

⁵³ *Ibid.* p. 112-113.

5. EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA COMUNIDADE

Foi solicitado aos participantes das Comunidades que fornecessem à autora material escrito que fosse significativo em relação à experiência vivida por eles em suas Comunidades. Na análise de cada depoimento, foram destacadas as dimensões da subjetividade, a dinâmica da intersubjetividade, a relação com o mundo e com o transcendente.

Nesse artigo, são apresentados apenas alguns trechos dos depoimentos para ilustrar as dimensões acima.

*A Experiência de T. L.*⁵⁴

Criou duas canções que falam sobre o Homem Novo, eis um trecho de uma delas:

*Homem novo, chama viva
dissipando a escuridão
da ideia não vivida
da ciência escravizada
do amor posto de lado
como o que não serve mais.*

O homem novo é luz, ilumina e transforma a realidade. Um aspecto dessa realidade que é transformada é a “ideia não vivida”, a ideologia. O homem novo recupera e comunica os elementos constitutivos da pessoa e da realidade. Outro aspecto que é transformado é a ciência, a possibilidade de conhecer a realidade, que, na percepção de T. L., está sendo distorcida. O instrumento de compreensão da realidade é a razão. Poder-se-ia, então, dizer que a ciência está escravizada por uma determinada concepção de razão que altera o conhecimento da realidade, isto é, a razão como instrumento de ‘domínio’ da realidade⁵⁵, como sendo a resposta à sede existencial do

⁵⁴ Psiquiatra, 27 anos, casada.

⁵⁵ A esse respeito, Massimi diz: “o contexto cultural no qual vivemos é marcado pelo Iluminismo, que pressupõe a razão como medida de todas as coisas (aquilo que é real é racional = Hegel). Uma consequência dessa posição é que tudo aquilo que a razão não pode compreender está excluído radicalmente do âmbito do conhecimento. Assim, a razão torna-se um instrumento de domínio, de manipulação do real. O positivismo foi a expressão mais acabada dessa tendência, e este se coloca na origem de todas as ciências”. MASSIMI, M. *Psicologia, ciência e cientista*. p. 1.

homem, a ponto de deixar de lado aquilo que lhe é fundamental, a experiência do amor. O homem novo recupera o significado do amor, como sendo o fundamento através do qual o ser humano é captado em sua essência como ser irrepetível e único e através do qual realiza suas potencialidades e sua missão no mundo.

A experiência de I. Z.⁵⁶

Relata sua experiência com crianças de um Centro Educacional Comunitário e com famílias que moravam num Lixão. A opção por esse trabalho foi determinada pela sua vivência na Comunidade.

Em relação às crianças, refere dois aspectos: a desestruturação das famílias e a violência de que elas são vítimas, "tanto vítimas dos pais, dos parentes, como da polícia, ou presenciando atos violentos. (...) Discutíamos, em pequenos grupos, como enfrentar esse acontecimentos (...). Em termos concretos, isso significava propor a participação na vida da Comunidade, que é um espaço onde se percebe que a vida pode ser estruturada de um modo diferente (...)".

Isso converge com o expresso por Butiglione⁵⁷:

Cada um de nós vive a cada dia relacionamentos que são orientados pela lógica da força, mas cada um de nós, talvez não a cada dia, viveu, pelo menos uma vez na sua vida, uma experiência de relacionamento que foi orientado pela lógica do encontro. A história passa através de uma tensão entre estas duas possibilidades: encontrar-se na verdade, a lógica da verdade, o encontro com a verdade do outro e com a minha verdade através dele; e encontrar-se na mentira, na base da lógica do poder.

Em relação às crianças, a Comunidade assume um papel fundamental, tornando-se, na maioria das vezes, o único ponto de apoio, o único espaço vital que permite a elas a recriação das experiências afetivas. Nesse caso, a

⁵⁶ A experiência de I. Z., psicóloga, 32 anos, casada.

⁵⁷ BUTIGLIONE, R. *As raízes filosóficas da guerra*. p. 5.

Comunidade comportaria a significação psicológica de 'útero materno' ou de 'mãe'. Balthasar⁵⁸ aponta a importância do relacionamento com a mãe e diz que

a criança, logo ao nascer, não tem consciência de que as coisas existem, mas sua existência, seu ser, está envolvido no relacionamento com a mãe. Este relacionamento com o 'tu' da mãe é a primeira e fundamental forma pela qual o pequeno homem se experimenta a si próprio como afirmado e envolvido por uma presença que vai além dele próprio (...): Sua experiência da vida, da existência é o ser da mãe. Na relação com a mãe, a criança experimenta, embora inconscientemente, a relação com o total.

Outra situação concreta partilhada com as famílias que moravam no Lixão, referida por I. Z., é: "ajudávamos a tampar os buracos dos ratos nos barracos para proteger as crianças". É uma experiência de trabalho em comum, visando à realização do outro, uma experiência de 'amor'. Luypen⁵⁹, a esse respeito, afirma:

O encontro de amor pressupõe sempre o chamado à minha subjetividade. Surge dele um chamado que ganha corpo numa palavra, num gesto, num olhar, num pedido (...) cujo verdadeiro significado é difícil expressar com palavras (...), implica sempre num convite a transcender e a abandonar minha preocupação por mim mesmo e meu fascinado interesse pela minha própria pessoa (tradução nossa).

*A experiência de D. E.*⁶⁰

Relata a sua experiência de maternidade.

D. E. questiona-se e diz: "Pode este mundo que tanto escraviza, despreza e explora a pessoa humana, entender que uma mulher pode se realizar cuidando do seu filho? Podem as pessoas deste mundo compreender que

⁵⁸ BALTHASAR, apud BOTTURI, F. *O sentido religioso e a cultura*. p. 20.

⁵⁹ LUYPEN, W. *Fenomenologia existencial*. p. 207.

⁶⁰ Psicóloga, 33 anos, casada.

é isso que Deus está pedindo a essa mulher neste momento da sua vida?”.

Em uma sociedade na qual a pessoa perdeu o valor, não se pode considerar a maternidade como significativa e autorrealizadora⁶¹. E também não se pode conceber uma relação de diálogo com o Transcendente. A esse respeito, Frankl⁶² diz:

talvez a melhor maneira de definir Deus seja como o interlocutor de nosso diálogo interior mais íntimo. Na prática, isso quer dizer que, quando alguém, na sua mais completa solidão e com o máximo de honestidade para consigo mesmo, pensa e fala no plano da interioridade, está se dirigindo verdadeiramente a Deus. (...) O crente se diferencia, portanto, do ateu apenas por não admitir a hipótese de que está falando consigo mesmo, acha, pelo contrário, que suas palavras alcançam alguém que não é idêntico a ele.

*A experiência de P. I.*⁶³

Apresenta uma canção e uma oração. A canção foi inspirada no seu trabalho com os desempregados. A oração nasceu ao compartilhar o sofrimento com os sobreviventes de uma grande explosão de gás. Eis um trecho da canção:

*Olhe você também
que na avenida já não passa
e, no leito do seu quarto,
sofre a sua do
não se esqueça, pois, meu irmão,
também com o teu sofrer,
que ora te cabe,
você constrói e faz crescer
como aquele que ora trabalha.*

P. I. faz um convite aos que estão impossibilitados pelo destino de

⁶¹ Ver nota 59, sobre a relação mãe-criança.

⁶² FRANKL, V. E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. p. 258 (grifos meus).

⁶³ Assistente social, 28 anos, casada.

participarem da festa da vida. O sofrimento causado pelo limite também possui um sentido. Através dele, constrói-se e cresce-se. A esse respeito, Frankl⁶⁴ diz:

Sofrer significa agir e significa crescer. Significa igualmente amadurecer. O indivíduo que se eleva acima de si mesmo avança para a maturidade (...). A maturidade pressupõe, todavia, que o indivíduo tenha alcançado uma liberdade interior, malgrado sua dependência exterior. (...) Esta liberdade desconhece condições, é uma liberdade "em quaisquer circunstâncias" e até o último alento.

A experiência de I. N.⁶⁵

I. N. escreveu um depoimento em que faz uma reflexão acerca de seu relacionamento com os pobres.

A Comunidade é um espaço onde se pode viver um encontro verdadeiro com o pobre, porque as pessoas concebem-se como irmãos, que têm a mesma origem e o mesmo destino. É também um espaço onde se produz uma disponibilidade a deixar-se julgar e juntos construir uma realidade mais justa e fraterna.

A experiência de E. U.⁶⁶

Escreve uma carta para uma amiga na qual relata sua percepção do mundo atual e a experiência que faz no seu trabalho. Este é um dos trechos que compõe o documento: "Nestes dias em que nosso coração é chamado a se alargar na extensão do mundo...". Nota-se que a experiência vivida em Comunidade por E. U. solicita de seu ser uma abertura para toda a realidade. E. U. continua e explicita como se dá essa abertura: "... tenho rezado bastante para que saibamos acolher Deus, que se faz presente entre nós com profunda misericórdia".

Para E. U., a abertura nasce do diálogo com Deus. Esse diálogo é

⁶⁴ FRANKL, V. E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. pp. 240-241.

⁶⁵ Psicóloga, 27 anos, casada.

⁶⁶ Psicólogo, 30 anos, solteiro.

a expressão de um pedido, de um desejo de acolher Deus presente na realidade que é *um* com o homem, ou seja, é uma oração. Para Frankl⁶⁷, a oração “é o único ato do espírito humano capaz de tornar Deus presente como Tu. A oração atualiza, concretiza e personifica Deus em um Tu”.

A seguir, E. U. explicita uma postura diante da realidade, dizendo que “é com o coração associado à Igreja do mundo inteiro que devemos encarar com realismo, dor e esperança toda a realidade, e esperar, e preparar o mundo e a nós mesmos para que o Senhor tome para si tudo e a todos”. E. U. também diz:

Quando eu, N. e S. nos vimos juntos em Itaquera, vimos o milagre que estava acontecendo e logo pensamos que vinha ‘chumbo grosso’ por aí (...). Agora começo a achar que esse chumbo tem e vai ter o peso da perseguição (...). Tenho um pouco de medo do que pode vir, mas que o Senhor mesmo nos dê a graça de (...) sermos considerados dignos de sofrer ultrajes pelo nome do Senhor.

E. U. vive uma experiência de unidade no trabalho, a qual ele concebe como algo gratuito, algo dado por um Outro, que não foi projetado por ele mesmo. Buber⁶⁸ afirma que

não importa como a concepção científica do mundo, em seu esforço legítimo em estabelecer uma causalidade sem lacuna, classifica a proveniência da novidade; (...) não basta aqui um mecanismo psíquico. A verdade é que recebemos algo que não possuímos antes e o recebemos de tal modo que sabemos que isto nos foi dado.

E. U. situa que essa experiência de unidade seria objeto de questionamento, pois trata-se de um acontecimento que foge à lógica dominante, que é de dispersão e de divisão. E. U. vive também a experiência do medo no trabalho, mas, ao mesmo tempo, deseja continuar se arriscando naquilo que para ele é o

⁶⁷ FRANKL, V. E. op. cit. p. 278.

⁶⁸ BUBER, M. *Eu e Tu*. p. 124.

'projeto' de um Outro e ao qual aderiu (vinculou-se) independentemente das consequências que possam haver para ele. A esse respeito, Buber⁶⁹ diz:

Fiel ao Ente único é somente quem se sabe vinculado ao seu próprio lugar – e livre, precisamente neste lugar, por sua própria responsabilidade. É somente de homens assim vinculados e livres que pode ainda surgir uma configuração que merece ser verdadeiramente chamada de comunidade.

*A experiência de N. M.*⁷⁰

Escreve uma carta para uma amiga com quem partilha uma poesia, fruto de uma meditação. Fala da criatividade; eis um trecho:

Tudo depende se, ao criar, afirmamos a nós mesmos ou, ao criar, afirmamos a um Outro. A criatividade é a afirmação de um Outro. Afirmar a si mesmo não implica em novidade porque permanece dentro dos limites do já existente. A novidade é algo que acontece para o homem e que extrapola o próprio homem. A origem do novo está fora do homem, mas acontece no homem, na medida da abertura do homem.

N. M., a seguir, explicita a condição para que aconteça a criatividade: "Impressionantemente a criação coincide com uma extrema pobreza consciente que pede". A criatividade depende de um reconhecimento de que não se é a origem dela mesma, de que ela vem de fora, na medida do pedido, do desejo dela e, portanto, depende da liberdade do homem. N. M. diz: "Disso nasce a profunda liberdade, tudo é vosso, mas vós sois de Cristo".

Toda a realidade pertence ao homem, mas o homem originalmente não pertence a si mesmo. Pertence a um Outro. A consciência disso provoca uma abertura para toda a realidade, a qual permite que o Ser se manifeste no ser.

⁶⁹ BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico*. pp. 116-117.

⁷⁰ Psicóloga, 30 anos, solteira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho deseja ser uma pequena contribuição para todos aqueles que buscam compreender a natureza da experiência de vida em Comunidade. O diálogo com os autores que tratam do tema poderá ajudar o leitor na compreensão de si mesmo, da relação com o outro, com o mundo e com a transcendência.

O procedimento de pesquisa utilizado foi o de considerar as imersões vivenciais das pessoas que vivem em comunidade e o significado que atribuem elas.

Os aspectos abordados neste artigo são: a experiência intrapsíquica, os relacionamentos interpessoais, a relação com o mundo e com a transcendência, naturalmente, os quais constituem uma unidade na experiência de cada pessoa.

As breves experiências selecionadas, dentre tantas, podem ajudar a compreender a contribuição da Comunidade na formação integral da pessoa. A seguir, pontuam-se os temas abordados pelas pessoas em seus relatos.

A Comunidade é um espaço onde se produz uma *disponibilidade de deixar-se julgar*.

O sofrimento decorrente da experiência do próprio limite, do limite do outro ou das circunstâncias em que se vive possui um sentido. Por meio dele, constrói-se, cresce-se e amadurece-se.

Em relação às crianças que sofrem, propõe-se a elas participação na vida da Comunidade, que é um espaço no qual se percebe que a vida pode ser estruturada de um modo diferente da violência, e é um ponto de apoio para recriar as experiências afetivas e se sentirem amadas. Em relação à maternidade, esta é vivenciada como significativa e autorrealizadora.

Em relação ao trabalho, verifica-se uma experiência de unidade e de gratuidade e também de medo, mas prevalece o desejo de arriscar, de vincular-se ao 'projeto' de um Outro para poder realizar sua missão no mundo.

Com relação aos pobres, rompem-se as barreiras sociais, vive-se a fraternidade decorrente da comum Paternidade e Maternidade.

O homem novo, que emerge da vida em Comunidade, é luz, ilumina e transforma a realidade. Denuncia a ideologia, resgata uma nova concepção de ciência e de razão e recupera o significado do amor.

Na vida da Comunidade, aparece uma nova concepção de criatividade: a origem do novo está fora do homem, no Outro, mas acontece no homem. O Ser que se manifesta no ser.

A oração, o diálogo íntimo com Deus, é a fonte das tomadas de decisões.

Diante do exposto anteriormente, é possível afirmar que a vida em Comunidade propicia à pessoa condições para explicitar uma unidade e um sentido para sua existência, a partir da multiplicidade das suas experiências perante a realidade. Unidade e sentido estes que podem gerar um comportamento consistente, criativo e adequado a essa mesma realidade, tornando-se, assim, um fator de equilíbrio psíquico.

Se fossem escritas uma por uma todas as experiências que as pessoas vivem em suas Comunidades, o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSS, Medard. *Angústia, culpa e libertação*. São Paulo: Duas Cidade. 1977.

BOTTURI, Francesco. Sentido religioso e cultura (1ª parte). *Cadernos de Filosofia* (1): São Paulo: Casa Cultura e Fé, 1982.

BUBER, Martin. *Pointing the way*. New York: Schoken Books , 1974.

_____. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben, 8ª edição. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

_____. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BUTIGLIONE, Rocco. *As raízes filosóficas da guerra*. São Paulo. [Apostila]. sd.

CORETH, Emerich. *Questões fundamentais da hermenêutica*. São Paulo: EPU, 1973.

DICHTCHEKENIAN, M. F. et al. *Temas fundamentais da fenomenologia*. São Paulo: Moraes, 1984.

ELLENBERGER, H. F. Introducción clínica a la fenomenología psiquiátrica y al análisis existencial. In: MAY, R. et al. *Existencia*. Madrid: Gredos, 1977.

FRANKL, Viktor E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante, 1989.

_____. *A Psicoterapia na prática*. Campinas, S. P: Papyrus, 1991.

GIUSSANI, Luigi. *Caminhos da experiência cristã*. São Paulo: Paulinas, 1981.

_____. *Il senso religioso* (Volume primo del percorso). Milano: Jaca Book, 1986.

_____. A intuição originária, In: Oliveira et al. *Raízes desta história*, São Paulo: Casa Cultura e Fé, 1985.

_____. *Aprofundar a experiência humana*. São Paulo: Casa Cultura e Fé, 1984.

HEIDEGGER, Martin. *El ser y El tiempo*. México: Fondo de cultura económica, 1977.

LUYPEN, W. *Fenomenología existencial*. Madrid: Carlos Lohlé, 1975.

MASSIMI, Marina. Psicologia, ciência e cientista. São Paulo. [Apostila]. sd.

MAY, Rollo et al. *Existencia*. Madrid: Gredos, 1977.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VALENTINI, Luigi. *Um discurso popular: uma leitura fenomenológica*. Dissertação de mestrado – PUC-SP, 1985.

WOJTYLA, Karol. O homem tem necessidade de Deus. *L' Osservatore Romano*. Cidade do Vaticano. 16/10/83.